



COLLABORADORES—Alberto Pimentel; Bulhão Pato; C. Castello Branco; C. Dantas; C. Bellem; E. de Barros Lobo (*Beldemonio*); Eça de Almeida; E. Schwalbach; F. Caldeira; F. Palha; Gervasio Lobato; D. G. Torrezão; Gallis (A.); Joaquim Lima; J. C. Machado; J. de Menezes; L. A. Palmeirim; Marcellino Mesquita; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro; Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor, etc.

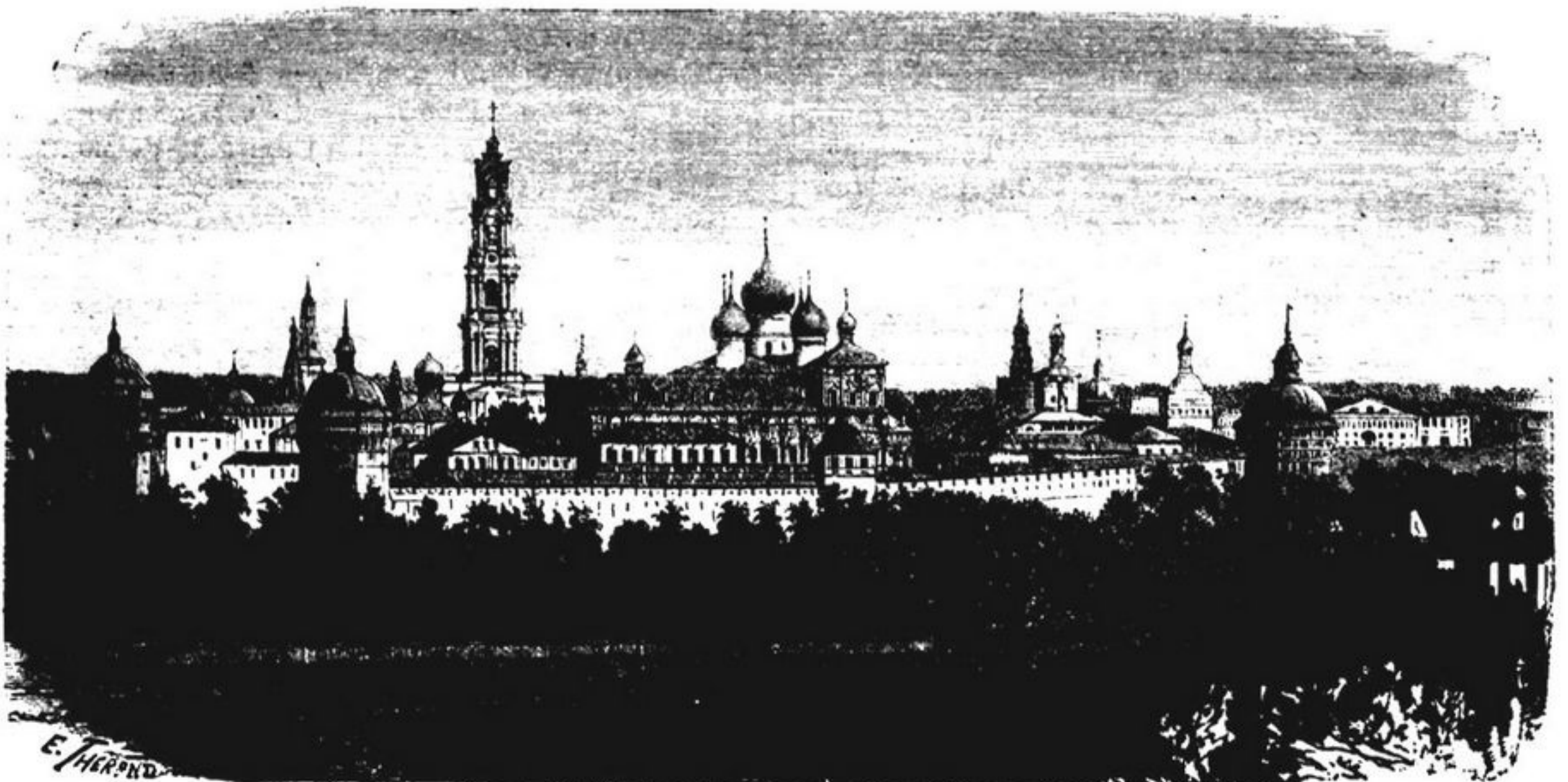
SUMMARIO

TEXTO:—*Chronica*, por C. Dantas;—*Os viajantes francezes em Portugal*, por Pinheiro Chagas;—*Glorificação*, versos, por Eugenio de Castro;—*Estudos litterarios*, por D. Guiomar Torrezão;—*Os crimes elegantes*, romance. (continuação) por Gervasio Lobato;—*As algas*, conto, por Eça de Almeida;—*Os excetricos do meu tempo*, (continuação), por L. A. Palmeirim;—*As nossas gravuras*;—*Em familia (Passatempos)*;—*A rir*;—*Um conselho por semana*;—*A confissão*, conto, por Guy de Maupassant.

GRAVURAS:—*Vista do convento de Troitzkoi, na Russia*;—*Ponte de ferro de «D. Luiz I», entre o Porto e Villa Nova de Gaya*;—*Ruinias*;—*Convento de Santo Antonio, em Kiev*;—*A torre Eiffel*.

CHRONICA

Não desertei, como qualquer soldado desleal, d'este campo honroso onde ultimamente floream, na minha auzencia, uns cavalleiros juvenis e gentilissimos. O que fiz—a bem das leitoras—foi deixar o campo aos novos, aos fortes, aos sanguineos, enquanto eu me acoitava, enfermado, na meia luz tristonha da ambulancia, sem alentos para empunhar a arma de combate do chronista.



VISTA DO CONVENTO DE TROITZKOI, NA RUSSIA

Dei homem por mim, como se diz na tropa. Deixei que em meu lugar terciassem dois talentos promettidos, qual d'elles mais formosos e de mais bello quilate, dois infanções aguerridos, de lança afiada na dextra e lyra afinada na sinistra, rivalizando em primores de estylo e em gentileza de porte... braço ás armas feito, mente ás musas dada.

Um d'elles entrou ha pouco pela sua decima setima primavera ridente e perfumada como um sonho das *Mil e uma Noites*; é impressionavel, nervoso, apaixonado, irrequieto, quasi infantil. Tem sempre um madrigal suspenso dos labios para as loiras patricias que se lhe deparam no *beton* da Avenida, e uma phrase elegiaca para as visinhas burguezas, que tombam, fulminadas pela tísica, n'um quarto andar da rua dos Fanqueiros.

As horas que lhe ficam livres de estudar sanscrito e de manusear Spencer, emprega-as a ler Maupassant, Catulle Mendés e Armand Silvestre. Quando não ouve Pinheiro Chagas no Curso Superior de Lettras, gosta de ouvir a Theodorini em S. Carlos, ou divaga pelos meandros azues e ouro do Parnazo, offerecendo-nos as suas adoraveis primicias poeticas, em versos crystallinos e sonorosos.

O outro—a alegria feita homem—não viveu ainda a quarta parte d'um seculo, o que não quer dizer que não seja muito capaz de viver um seculo inteiro, ou mais ainda, se aquella disposição de espirito, se aquelle bom humor invejavel dos seus vinte e quatro annos não morrerem com as primeiras desillusões, com as primeiras brancas, com os primeiros desenganos pungentes...

Nunca o vi triste, de sobrececho carregado e olhar turvo, nem mesmo quando o dr. Lourenço pretendeu ministrar-lhe uns saes amargos e toxicos nas retortas da sua chimica indigesta.

Sempre alegre e folgasão, como o D. Nicomedes da opereta, atravessa o caminho da vida a sorrir bohemianamente, a cantar depreoccupadamente, com um soneto luminoso engatilhado sobre cada uma das guias do seu bigode virgem, com uma facecia originalissima a irromper dos seus labios nunca descerrados para a emissão d'uma praga.

Ambos elles novos, e ambos elles poetas. A mocidade em flôr, e a poesia jorrando em borbotões de dois cerebros vigorosos!

Dize-me tu, leitora, mas dize-m'o com franqueza, se o teu velho chronista das terças feiras, enregelado pelo nordeste da invernia, desilludido pelos vendavaes mundanos, pode competir em jubilos e em cantares com estes dois soldados novos, quasi generaes pela bravura e pela destreza, que não pela senilidade e pela experiencia?

Dize tu lá!

E' evidente que não pode, e muito melhor fôra para elle e para ti, que se deixasse ficar de vez na ambulancia, ou que passasse ao quadro da reserva, onde já se não exige um fogo vivo e bem nutrido, d'onde não ha já a esperar actos de bravura, nem façanhas heroicas, nem grandes testemunhos de vitalidade, nem eloquentes demonstraões de entusiasmo guerreiro.

Mal comparado, estou quasi como os dois mutilados de Sacavem, que a Lisboa militar e a Lisboa paizana acabam de beneficiar no Colyseio. Tenho por supremo ideal o Asylo de Runa, por suprema aspiração uma festa de caridade com phantasias militares do maestro Gaspar e evoluões a cavallo por lanceiros garbosos.

Foi um dos acontecimentos palpitantes da semana a festa do Colyseio, onde tu estiveste, somnolenta, contrariada e nervosa, ensurdecendo no meio d'aquelle *brouhaha* medonho, pedindo a todos os santos e santas da côrte do ceu que te livrassem d'outro martyrio igual, ás

boccas de fogo luzitanas que não mutilassem mais nenhum soldado, e aos benemeritos artilheiros que houvessem por bem não repetir a mesma acção phylantropica durante estes vinte annos mais proximos.

Eu não sei se a festa dos Recreios virá provar, como S. Alteza o sr. infante D. Augusto disse ahi, em officio laudatorio aos srs. lanceiros, a utilidade da cavallaria no nosso paiz. O que ella testemunhou foi que as familias dos officiaes do exercito são numerosissimas, e que mal deve chegar-lhes o minguado soldo para sustentarem tanta gente junta e para beneficiarem mutilados, ainda por cima.

Houve alferes de fresca data que requisitou bilhetes para cento e cincoenta pessoas de familia, e general de data velha que os pediu para mais de quinhentas, attendendo á superioridade da patente e á antiguidade do serviço: vinte primas por cada anno de praça! Deu isto em resultado que a Chronica, tendo pedido um bilhete para si só, não lograsse alcançar nem meio. Poderá!

Ao que parece, rendeu a sympathica festa o bom de oito contos de réis, quantia já depositada no Montepio geral, para auferir os respectivos juros. Conclue-se d'aqui que não ha entre nós posição mais commoda, nem mais descansada, nem mais lucrativa que a de mutilado.

Eu estou para ver que, se a moda d'estes beneficios pega, o governo será forçado a pôr os logares a concurso, distribuindo-os por quem maior cabedal de habilitaões atteste.

Hei de ver ainda mais: cada qual mutilar-se por gosto e vontade propria, na expectativa d'um modo de vida independente e tranquillo.

D'antes, os mancebos cahidos na malha apertada da rede do recrutamento militar, mutilavam-se para fugir ao pagamento do tributo de sangue. Hoje, não tenham medo que tal succeda. Hão de correr, pressurosos e alegres, a pagar aquelle tributo, mutilando-se depois, com a mira n'um beneficiosinho pingue.

Ser mutilado! Oh! delicia!...

A Chronica não tem espaço que lhe sobeje para discreter sobre o programma d'aquelle sarau festivo, e para dar promenores sobre os episodios d'aquelle noite memoravel. Houve coros guerreiros, evoluões a cavallo, toques d'alvorada, empurrões esmagadores e assassinos, trabalhos gymnasticos, um calor asphixiante e uma phantasia *A Camões*, que faria resonar o grande epico, se Deus lhe desse alentos para se erguer do tumulo onde repousa.

Uma phantasia *A Camões*, na festa dos mutilados de Sacavem, só ao demo lembra! Seria allusão ao cantor das nossas glorias, por ter tido um olho de menos?

Depois do acontecimento militar do Colyseio, o cortejo civico realisado no dia 1.º de dezembro, anniversario da independencia portugueza. Em seguida ás phantasias guerreiras das bandas regimentaes, o insulso e pacato *«Lusitanos é chegado...»* das phylarmonicas roufenhas.

Em boa verdade, devemos confessar que a festa da Avenida metteu menos gente que a do Colyseio, embora tivesse foguetes no programma.

E' que, decididamente, ninguem já cuida de mostrar-se bom patriota. Do que cada qual trata é de estudar a melhor forma de ser um mutilado rico.

Esclarecimento suplementar, para socego das familias: No theatro de D. Maria não se representou o drama patriotico do sr. Miguel Osorio.

OS VIAJANTES FRANCEZES EM PORTUGAL

O sr. Luiz Ulbach

III

Uma das coisas que mais impressionam os viajantes estrangeiros em Portugal é a nossa extraordinária liberdade de imprensa.

Conta-se que o sr. Simão Gattai, uma das physionomias mais curiosas da nossa sociedade portugueza, esse italiano que reside ha largos annos em Portugal, e que arranjou para seu uso uma especie de lingua franka, uma mistura de portuguez, italiano e francez, que, se fosse conhecida dos philologos, lhe daria direito a ser considerado como o pai de uma septima lingua néo-latina; conta-se pois que o sr. Simão Gattai, ao chegar a Lisboa como emigrado italiano, fugido da Italia depois da queda da republica romana de que elle fôra um dos ministros, ao entrar n'um botiquim, ao chegar n'um jornal, ao encontrar uma descompostura tremenda no ministro, e ao saber que o jornalista não soffrera o minimo incommodo, dobrou o jornal, e declarou terminantemente:

—Já d'aqui não saio.

E assim foi. Nunca mais d'aqui saio.

Tambem isto impressionou, como era de esperar, o sr. Luiz Ulbach:

«Apresso me a dizel-o, exclama elle, é esta a originalidade, a raridade mais notavel de Portugal.

A imprensa, a palavra, a caricatura e o theatro, tudo é livre n'este paiz, e livre a um ponto inconcebivel em França.

Quando eu pensava, diante de certas imagens, que fui condemnado a seis mezes de prisão, no tempo do Imperio, por ter tomado, n'um *Diccionario historico* authorisado por um ministro do imperador, uma definição do nome de Napoleão, que pareceu irreverente e que era um logar commum, quando me lembrei de que um simples edital de um principe sem partidarios, do cunhado exactamente do rei de Portugal pozera em ebulição todos os nosso legisladores, e quando dizia commigo que todas as vezes que em França, um tolo, um doido, ou um trocista se lembrar de pôr uma facecia n'uma parede ou n'uma folha de papel branco, se reformaria de proposito a lei para amordaçar melhor os que afinal não fazem senão bocejar, perguntava a mim proprio se havia realmente uma differença tamanha entre a natureza humana dos Portuguezes e a dos Francezes, se era absolutamente impossivel mandar vir de Portugal um pouco mais de sensatez constitucional e um pouco menos de ostras detestaveis.

Vi e trouxe caricaturas do rei, da rainha, dos principes, que faziam rir toda a gente sem escandalisar pessoa alguma. Supponho que nos albuns regios se podem até encontrar alguns dos melhores d'esses desenhos; em todo o caso affirmo que os vi em mezas onde personagens officiaes os folheavam, e os deixavam folhear, criticando-os apenas debaixo do ponto de vista da rectidão do desenho e da felicidade do epigramma.

Nas ceremonias do centenário de Camões alguns estouvaditos que se dizem republicanos pozeram-se a gritar: Viva a republica! diante do rei. O rei não teve medo, e, como não havia no cortejo nem agentes de policia nem municipaes para se fazerem tolaemente zelosos, não se prendeu nem se maltratou pessoa alguma.

Os processos da imprensa são desconhecidos, accrescendo que os escandalos da imprensa são rarissimos. Vi muitas caricaturas politicas, nunca vi desenhos obscenos, e foi necessario haver a exportação dos nossos romances naturalistas para macular um pouco a *vitrine* dos livreiros.

Esta liberdade absoluta de fallar e de escrever não multiplica os partidos, pelo contrario, esfarea-os, e, se os jornaes não tivessem desenvolvido extraordinariamente a moda das correspondencias, de entrevistas fixadas e acceitas pelos annuncios, para pouco serviriam. Dão noticias, discutem a maior parte das vezes as questões com grande moderação. Só nas epocas de agitação eleitoral é que o tom se levanta, é que a polemica se aguça, e toma um aspecto de animosidade pessoal.

Este periodo fica assignalado por alguns duellos; liquida-se em familia a conta das diflamações e das calumnias e ninguem a leva aos tribunaes.

A opposição vae frequentemente ao poder, porque o rei segue com fidelidade os movimentos da opinião; mas a opposição é raras vezes radical, e, como o que se discute sobretudo são simples matizes, os jornalistas da vespera, transformados em ministros, encontram-se muitas vezes á mesma meza com os ministros que elles fizeram voltar para os seus jornaes. A imprensa é o viveiro dos ministros; nem o parlamento, nem o rei, nem os jornaes, nem o paiz o deploram».

Aqui ha, como se vê, observações em parte justas, mas sempre superficiaes. Levantemos primeiro um erro de facto.

No centenário de Camões não houve pessoa alguma que levantasse diante d'El-Rei gritos de Viva a republica. Quem deu essa informação ao sr. Luiz Ulbach enganou-o redondamente.

Depois, eu acho sempre uma certa graça ao entusiasmo com que os estrangeiros fallam da nossa liberdade de imprensa e á ingenuidade com que nós tambem d'ella nos gloriamos.

A liberdade de imprensa, levada ao grau em que nós a possuímos, não honra os nossos costumes constitucionaes, honra porém e muito o tacto e a esperteza dos nossos governos, que têm sabido conservar a tradição legada pela finissima intelligencia de Rodrigo de M'galhães.

Nos paizes em que a imprensa encontra na lei e no governo uns certos limites e uns determinados obstaculos é que a imprensa é verdadeiramente poderosa. Nos paizes como o nosso, em que a imprensa caminha á redea solta, o seu poder é absolutamente nullo.

Não se fez durante annos uma campanha quotiliana contra a realza, não a têm continuado com a maxima tranquillidade os jornaes republicanos? E isso abalou o throno? Nem por sombras. O publico habituou se a essas exaggerações do jornalismo, a essas accusações sem tom nem som, a essas calumnias que flutuam nos ares, e que não impedem tempos depois calumniadores e caluniados de se sentarem á mesma meza. Ri-se e encolhe os hombros. De forma que, quando chega uma occasião em que a imprensa quer estigmatizar e flagellar alguma imprudencia verdadeira, algum escandalo monstruoso e real, encontra-se impotente para levar ao espirito do publico a convicção de que é verdadeiro o facto criminoso contra o qual deseja concitar a sua colera.

Em França houve um homem politico altamente collocado, que foi surpreendido na pratica de actos de immoralidade aviltante: contra esse homiem dirigiu a imprensa as suas baterias: Foi uma campanha de um momento, e o accusado nunca mais pôde voltar á tona de agua. Foi uma individualidade politica que desapareceu.

Em Portugal teem-se feito, durante annos e annos, com a indignação, com o riso, com a caricatura, com a verriça, accusações de grave immoralidade a homens politicos, que nem por isso deixam de continuar na sua alta situação.

Nem pode ser de outra maneira. Com a facilidade com que nos jornaes se fazem e se multipliam as mais escandalosas accusações, era impossivel dar-lhes attenção e dar-lhes credito, sob pena da imm-diata dissolução da sociedade portugueza.

Ahi estão os fructos d'essa extrema liberdade de imprensa, que os estrangeiros nos invejam e de que nós nos gloriamos.

A liberdade de imprensa é um meio de governo de primeira ordem, e se Napoleão III o tivesse percebido, não teria tido um reinado mais longo, porque Sedan, em todo o caso, seria uma liquidação, mas teria tido um reinado mais tranquillo. Rochefort nunca teria sido uma força como o foi, graças á policia imperial. Os *Châtiments* estariam em cima da meza dos personagens officiaes, que os folheariam tranquillamente como os taes personagens officiaes portuguezes folheavam, com grande espanto de Luiz Ulbach, as caricaturas do rei e as caricaturas dos ministros. Seriam tambem criticados apenas como obras d'arte, e Victor Hugo teria metade da força que teve, e sobretudo ficaria cruelmente magoado.

Os *Châtiments* consentidos seriam um mero successo litterario, os *Châtiments* perseguidos foram um enorme successo litterario e politico.

O que evitou com isso Napoleão III? Deixaram os *Châtiments* de ser lidos pela França inteira? Não; mas eram lidos ás escondidas, quer dizer saboreados com o prazer immenso que devia dar aos leitores essa esplendida poesia condimentada com o gosto delicado e finissimo do fructo prohibido.

Ahi convençam-se bem d'isso: a liberdade de imprensa, como nós a temos, quer dizer, a liberdade da injuria, a liberdade da diffamação, a liberdade da calumnia, é uma arma excellente para os governos, e é uma fraqueza para a liberdade, é a annullação de uma arma poderosissima. Rodrigo da Fonseca viu as coisas excellentemente. A imprensa é arma que ninguem consegue quebrar, mas embota-se e torna-se inoffensiva.

PINHEIRO CHAGAS.

GLORIFICAÇÃO

I

A ti, que trazes immersos
Meus olhos no teu olhar,
Hei de fazer-te um altar
Na cathedral dos meus versos.

Quero vêr, ó meu affecto,
Esse teu corpo gelado

Gloriosamente poisado
No pedestal de um soneto.

E nos teus hombros divinos
Hei de pôr, ó minha amante,
Uma tunica ondulante
De versos alexandrinos.

Co'a pericia de um chinez
Farei, com rimas fagueiras,
Duas quadritas ligeiras
Para calçar em teus pés.

Hei de fazer, minha esp'rança,
Um pequenino poema,
Para enfeitar essa trança
Como se fosse um diadema.

E depois, ó doce lirio,
Meu coração a brilhar,
Ha de morrer como um cyrio
Defronte do teu olhar.

II

Então, ó estatua dormente,
O' formas esculpturaes
Cingirei riosamente,
As vestes patriarchaes.

Hei de pôr, ó doce amante,
Na minha cabeça anciosa
Um *solideo* destumbrante
E uma mitra preciosa.

E tu has-de-me fitar
Do teu altar refulgente,
Como se visses passar
O Patriarcha do Oriente.

Então, fitando abysmado
Essa marmorea nudez,
Hei de ajoelhar-me a teus pés
O' lirio branco e gelado

E consumido em desejos,
Hei de lêr—cabeça louca!
Todo o Evangelho dos beijos
No missal da tua bocca!

Lisboa—Novembro de 1886.

EUGENIO DE CASTRO.

ESTUDOS LITTERARIOS

PINTORAS

Beury Saurel

E' enorme o numero de mulheres que se dedicam á pintura, muito embora esse numero seja restrictissimo em Portugal, onde a falta de iniciativa, por um lado, e a falta de estimulo, pelo outro, matam em germen todas as vocações femininas.

As poucas que escapam á influencia d'essas duas forças negativas, expõem-se, desde o fatal momento em que saiem da sua tranquilla ignorancia, a uma guerra de todos os instantes, a um combate sem treguas, findo o qual, se a mulher não succumbiu, dilacerada e morta, perdeu de certo para sempre a sua despreocupada alegria, o direito de ser feliz sem pedir licença ao mundo e a doçura innata da sua natureza amavel, pervertida no duro conflicto da luta pela vida.

O numeroso grupo de mulheres pintoras comprehende as que trabalham na tela, no papel, na porcellana, no marfim, etc., etc.

Todas ellas evocaram, em momentos de ardente inspiração, de mysteriosa esperanza, de anciosa expectativa, a visão fugitiva e deslumbradora que se chama gloria.

Desgraçadamente, a existencia material, com as suas fataes exigencias, a pobreza, com o seu atroz positivismo, cortaram as azas á maioria d'essas almas qua ensaiavam o vôo para o ideal.

Muitas, particularmente em França, Inglaterra e na Suecia, limitaram as suas aptidões ao exercicio da arte, puramente industrial, ou ao tirocinio do professorado.

Só as artistas, excepcionalmente dotadas, os espiritos predestinados para subirem sempre, por entre as alternativas da sorte, os attritos do trabalho, a febre da luta e a sombria incerteza do futuro; só esses raros eleitos do talento conseguem triumphar do destino e conquistar, á força de talento e de perseverança, a sonhada celebridade.

Na constellação das artistas francezas, destacam na primeira

plana, na qualidade de pintoras de figura, madame Demont-Breton e mademoiselle Beury Saurel.

Entre as pintoras animalistas, sobresaem, depois do grande nome de Rosa Bonheur, (acerca da qual já aqui mesmo escrevi desenvolvidamente) mademoiselle Mica, madame Peyrol Bonheur e mademoiselle Van Marke.

No grupo das pintoras de flores, brilham os laureados nomes de Madalena Lemaire e madame Cornelagiags.

Na galeria d'essas gloriosas, a quem o futuro não mentiu e que apoz a sede inextinguivel, que tortura e devora, sorveram com os labios crestados o divino filtro da immortalidade, impõe-se nos o vulto gracioso e attraente de mademoiselle Saurel.

Mademoiselle Saurel synthetisa a arte, idealizada pela poesia: nas suas deliciosas telas, como na sua linguagem, sente-se vibrar uma alma de artista, apaixonada pelo bello.

Quem uma vez a viu, não a esquece nunca.

A sua frente, harmoniosamente modelada, uma frente hellenica, fulgurante da belleza intellectual, é como que a imagem visível da sua fantasia; dos seus grandes olhos azues, velados de longos cilios, desprende-se o pensamento, na serenidade tranquilla e limpida em que elle sóbe para o infinito.

Mademoiselle Saurel é de mediana estatura, corpo delgado e flexivel, cabellos loiros, emmoldurando-lhe o rosto de uma pallidez mate.

A illustre pintora nasceu em Hespanha, de pais francezes; desde a sua infancia, apaixonou-se pelos esplendidos quadros dos mestres hespanhoes; a breve trecho, todas as suas ambições cifraram-se em estudar essa arte maravilhosa, em attingir o ponto culminante em que a pintura palpita, existe e sente, como a realisação tangivel da natureza viva.

Aos quinze annos, Saurel partiu para Paris, entrando no atelier Julian.

Uma vez ahi, orientada pelos mestres francezes, a discipula affirmou a sua imperiosa vocação em rapidos e successivos progressos; ao cabo de quatro annos de estudo, Saurel alcançou o seu primeiro exito no Salão, expondo um retrato de mulher, notavel pela finura e transparencia das tintas.

A este primeiro passo decisivo, seguiu-se uma selecção de retratos, expostos em todos os Salões, uma serie de triumphos, consagrados pelo jury, que conferiu á insigne artista as mais honrosas distincções.

Saurel possui, como poucos, o segredo da elegancia e da natural distincção; as figuras das suas telas respiram, agitam-se, pensam e sentem, sem perturbarem nunca a sagrada harmonia da forma; as sedas e os velludos são de uma verdade assombrosa n'esses adoraveis retratos; os setins teem espelhamentos luminosos, quebrando-se flexuosamente em fundas pregas macias e lustrosas, que brilham como o onyx; os velludos desdobram-se em ondas, cavando-se em pregas roçagantes, de um largo estylo severo e opulento.

A eminente pintora trabalha em um dos ateliers Julian, na passagem dos Panoramas.

O atelier consta de uma espaçosa sala quadrada, muito clara e alegre, com as paredes cobertas de estudos pintados a oleo e de *pasteis*, no numero dos quaes figuram os retratos das discipulas do atelier, francezas e estrangeiras, escolhidas entre as mais formosas.

A mobilia do atelier compõe-se de algumas cadeiras de madeira doirada, um armario de tartaruga com incrustações de cobre e magnificos fauteuils e sofás do seculo XVIII.

Nenhum ruido exterior perturba a quasi religiosa quietação d'esse templo da arte.

Paris, os boulevards, a vida estonteadora da leviana cidade, que galopa sem cessar em busca de novos prazeres, tudo isso parece perder-se ao longe, a distancia de mil leguas.

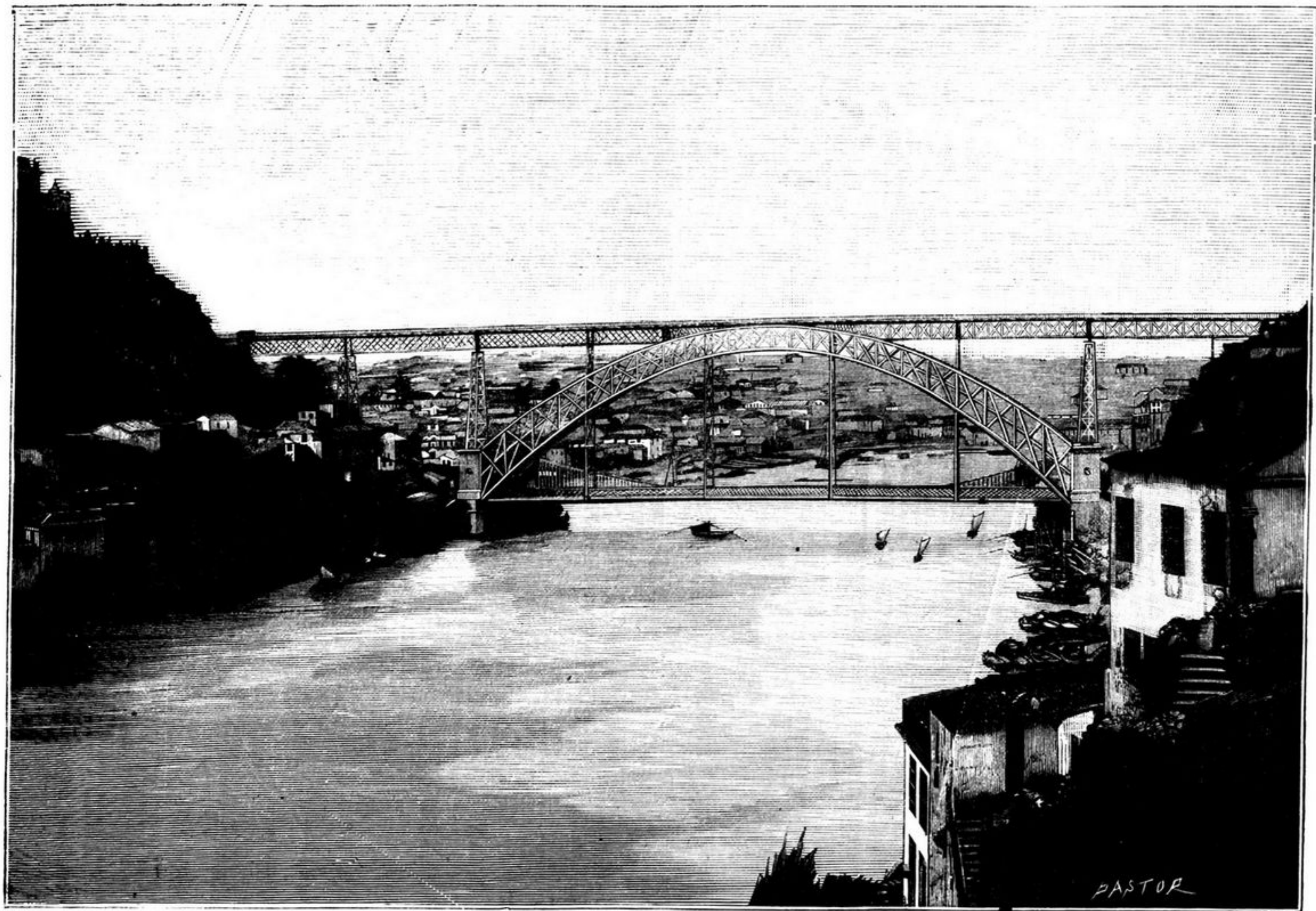
Uma porta communica com o corredor que conduz ao atelier das mulheres.

Depois das sessões de retrato, mademoiselle Saurel recomeça os seus estudos academicos.

E' originalissimo o aspecto do atelier, povoado de mulheres radiantes de mocidade e de talento, pertencendo a diversas nacionalidades: princezas, duquezas, artistas, fraternizando na mesma aspiração, trabalhando hombro com hombro, impellidas pelo mesmo ideal, encontrando-se e identificando-se no mesmo amor, a Arte,—que as possui e absorve.

Encontra-se ahi a princeza Ghika, irmã da rainha da Servia, uma encantadora morena, alta, alegre, cheia de vivacidade, trabalhando com o infatigavel ardor de uma artista de profissão; a princeza Jablowska, a filha do general d'Andlau, a filha do marechal Canrobert, mademoiselle Barety, do Odeon, mademoiselle Watterneau, filha de um general que se distinguiu em 1870, e muitas outras.

Para Beury Saurel, o universo resume-se no seu atelier; o estudo captiva-a, namora-a e como que a divorcia do resto da terra. Os bailes, os theatros não conseguem attrail-a; as distracções da insigne artista limitam-se, no verão, a alguns passeios nos arredores de Paris; nas noutes de inverno, Saurel faz esboços, compõe desenhos, vive, emfim, exclusivamente para a sua Arte, entregando-se-lhe com a apaixonada voluptuosidade, com a exaltação fé que são as características dos grandes artistas.



PONTE DE FERRO DE «D. LUIZ I» ENTRE O PORTO E VILLA NOVA DE GAYA

A Arte é como um santuario, d'onde os iniciados, os ditosos, os eleitos do genio, a quem foi dado transpor-lhe o limiar, não podem nunca mais sair.

GUIOMAR TORREZÃO.

OS CRIMES ELEGANTES

(CONTINUADO DO N.º 20 DO 3.º ANNO)

VI

Era uma vez um Fonseca!

D'esse dia em diante o Fonseca julgava-se segurissimo na pasta da Fazenda.

A sua attitudo energica e decidida tinha operada repentinamente uma completa reviravolta, na maneira porque os seus collegas o tratavam, e o seu triumpho foi enorme e decisivo.

No primeiro conselho de ministros que houve depois d'aquella celebre reunião em que o ministro do Reino o descompozera brutalmente, lhe dissera as coisas mais duras, que mais podiam ferir o amor proprio d'esse homem, parecia que tinha havido mudança completa de ministerio e que o presidente do conselho agora era o conselheiro Fonseca, exactamente aquelle que com tanta sem cerimonia fôra até ali tratado por todos os seus collegas.

Agora todas as attensões eram para elle, o seu voto era solicitado com empenho em todas as questões e ouvido com respeito e acatamento, e quando por acaso elle propunha aos seus collegas alguns negocios relativos á sua pasta, elles recusavam-se immediatamente a tomar conhecimento da questão, a discutilla, ponderando, com uma grande deferencia, que estava em muito boas mãos o negocio, e que ninguem melhor do que o illustre ministro sabia o que devia fazer.

O Fonseca sabiu radiante d'esse conselho.

—A alma do ministerio sou eu! pensava elle cheio de orgulho, sósinho na sua carruagem que o conduzia a casa.

Apeiou-se, entrou triumphante no quarto da sua amante, com um sorriso victorioso nos labios, e contou-lhe tudo, tim tim por tim tim, que se passára.

Antonina ouviu-o com muita attenção e depois d'elle concluir a sua narrativa entusiastica perguntou-lhe, fitando-o:

—E então?

—Então o que? disse o Fonseca muito admirado, sem comprehender.

—O que tiras tu de tudo isso?

—O que tiro?

—Sim, o que conclues de todas essas contomelias que te fizeram?

—O que tiro? repetiu ainda o glorioso ministro da Fazenda sem comprehender o que a sua amante, de ordinario tão franca, tão sagaz, queria dizer na sua. Tiro que a minha attitudo energica pol-os no seu lugar, e que a alma do ministerio sou eu.

—Então julgas que estás seguro na tua pasta, hein?

—De cal e areia, tornou o Fonseca, muito convencido, sem reparar sequer no tom de zombaria que havia nas palavras da sua amante.

—Pois não passa d'um pateta, sr. conselheiro Fonseca, não passa d'um idiota sr. ministro e secretario d'Estado dos negocios da Fazenda, disse rindo Antonina e suavizando com um tom galhofeiro a inflexão de desdem que havia nas suas phrases.

—D'um pateta? D'um idiota? perguntou o conselheiro Fonseca, muito admirado com aquella revelação que lhe faziam. Porque?

—Porque nunca estiveste tão perto da porta da rua como estás hoje, explicou Antonina.

—Da porta da rua?

—Sim, estás aqui estás ministro d'estado honorario.

—Honorario? Ora essa!

—Verás.

—Mas porque dizes tu isso?

—Porque os teus collegas não de querer pôr-te com dono quanto antes: não lhe convens no ministerio... e verdade, verdade, o ministerio também não te convem a ti.

—Não me convem? Essa agora é que eu não percebo, disse o Fonseca, completamente desnordeado pelas palavras da sua amante, pela agua fria que ella tão desapiedadamente estava lançando na fervura do seu grande enthusiasmo.

—Não te convem de forma alguma, e eu te digo porque.

O Fonseca era todo ouvidos, cheio de curiosidade.

—Sempre quero saber porque é que o ministerio me não convem agora, que eu sou a alma d'elle; sempre quero saber porque é que a alma não convem ao corpo, pensava o Fonseca com os seus botões, não se atrevendo a formular em voz alta este pensamento

porque a sua vaidade, soprada pelo triumpho alcançado momentos antes, no conselho de ministros, fazia a sua cerimonia ainda com Antonina, que o conhecera pau de lorangeira.

—Não te convem, começou a explicar muito placidamente, com um grande bom senso a amante do ministro da Fazenda, não te convem porque tu já fizeste o que tinhas a fazer como ministro.

—Já fiz? Então o que é que eu tinha a fazer como ministro? perguntou o conselheiro Fonseca caminhando de surpresa em surpresa.

—Ires ao paço, dares na vista, teres uma posição saliente.

—Mas se eu posso continuar a fazer tudo isto.

—Não te illudas, não tomes a serio o teu papel de estadista eminente. Tiveste a felicidade de saber representar o teu papel agora, de repetires com exito a minha lição, mas francamente, não me fio em ti, nem mesmo em mim, para continuares a sustentar por muito tempo esse papel.

—Mas então...

—A situação brilhante que creaste tem duas difficuldades enormes, primeira que te vem de ti, segunda que te vem dos teus collegas.

—Isso agora para mim é gregol!

—Eu te traduzo. A difficuldade que te vem de ti é a de sustentares perante o governo, perante a camara e perante o paiz os teus actos de ministro, actos de que vaes ter a unica responsabilidade, visto que o resto do ministerio te deixa completa e plena liberdade d'acção; segunda a de sustentares a guerra surda e terrivel que te vão fazer os teus collegas. Ora nem tu nem eu podemos sustentar essas duas coisas, a guerra e a posição, e por isso a queda é inevitavel, mais dia menos dia, queda desastrosa, um tiasco medonho, tanto maior quanto grande é hoje a tua reputação de estadista eminente, meu caro amigo.

—Mas então...

—Então, é necessario com muita diplomacia indicares aos teus collegas a maneira airosa de se verem livre de ti.

—Mas como hade ser isso? perguntou o Fonseca triste, mas resignado, porque, no fim de contas, a voz de Antonina era a voz da verdade e da consciencia,

—Nada mais facil, amanhã eu depois offereces um jantar aos teus collegas; e incidentalmente puchas a conversação para o cansaço da vida activa de ministro, para o trabalho que isto te dá, e eu ajudo-te, fallo no prazer que eu teria em viajar, digo que estou adoentada, que os medicos me recommendam mudar d'ares, viajar...

—Não percebo como d'ahi?...

—Naturalmente, muito naturalmente fazes sentir que não desgostavas de ser embaixador em qualquer parte, em Madrid, em Paris ou em Londres... e tu verás como d'ali a dias te offerecem uma embaixada...

—E vou?... perguntou Fonseca, a quem esta idéa de ser embaixador sorriu de repente.

—E vamos! tornou Antonina.

(Continúa).

GERVASIO LOBATO.

AS ALGAS

(AO ILL.º E EX.º SR. D. BERNARDO DA COSTA)

Contou-m'a um amigo meu, esta historia desoladora e triste, n'uma deliciosa noite de estio, em que o luar avelludava a folhagem dos clmeiros, e os rouxinoes noivavam por entre as balsas floridas, saturadas de perfumes e carregadas de ninhos.

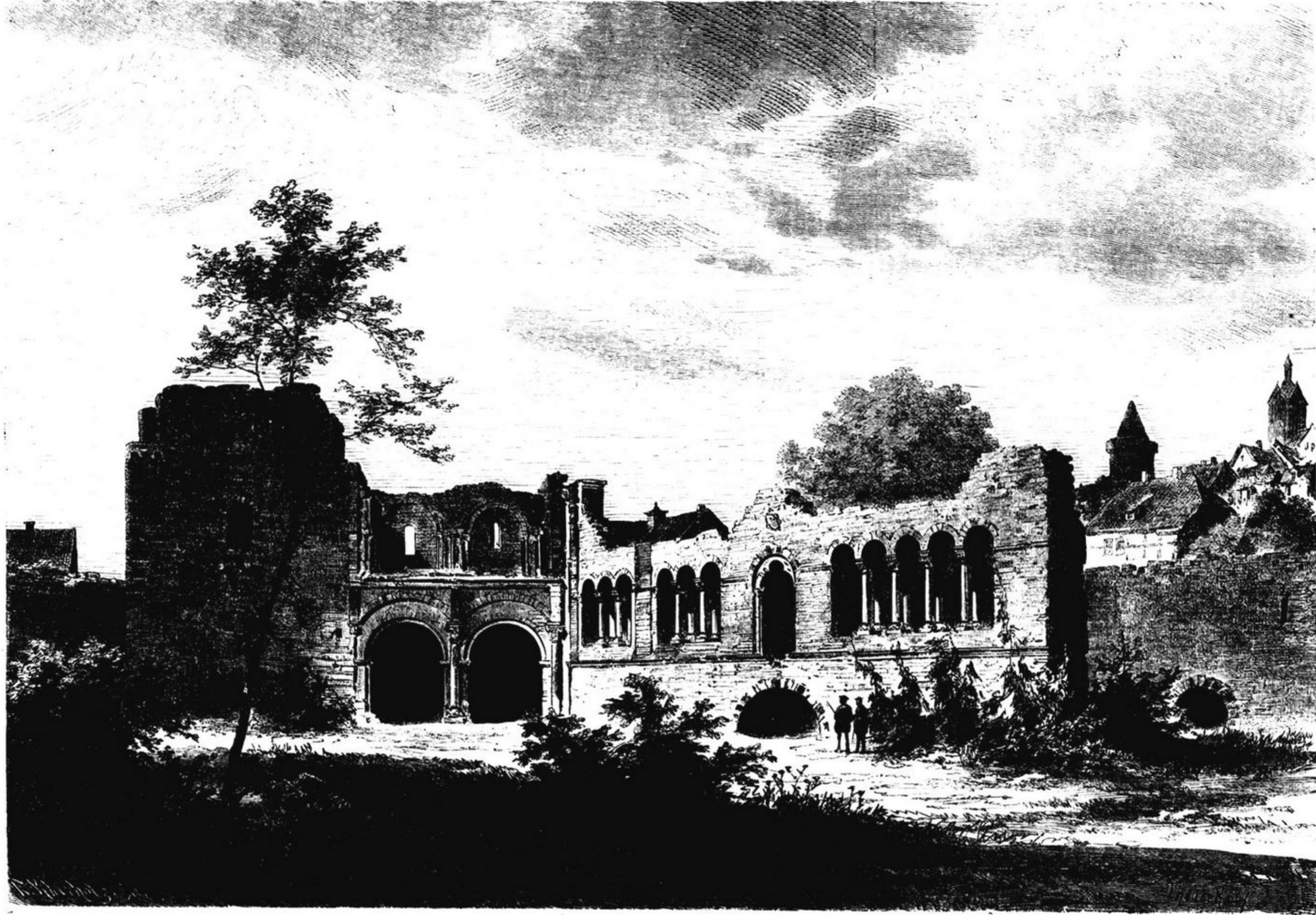
Da janella do meu quarto avistava-se, muito ao longe, o mar, tranquillo como um lago, e os campos, de ao redor, onde as searas ondulavam com a aragem quente da noite. Foi n'essa janella encantadora, engrinaldada de trepadeiras, em frente da qual os lilazes e os jasmineiros desabrochavam as suas flôres melindrosas e perfumadas, que elle, recostado n'uma ampla cadeira de braços,—a velha poltrona de meu Avô,—me disse, com a suprema delicadeza que caracterisava aquelle espirito, a historia do seu primeiro amor, que eu nunca mais pude esquecer:

Chamava-se Izabel;—contava elle, e as lagrimas vinham-lhe aos olhos, ao pronunciar o seu nome,—alta, elegante, tendo a belleza fascinadora das mulheres que attrahem, encontrei-a, pela primeira vez, em ***, quando alli fora passar a estação balnear em companhia de meus Paes.

Que saudades que eu tenho d'aquella tempo, ainda!

Como eu gostava de a vér todos os dias ir, envolta no seu fato de banho, sentar-se nos rochedos angulosos da praia, e ficar, assim, horas perdidas a scismar, abandonando, tristemente, a vista pela vasta aridez das aguas!

Ao presentirem a sua presença, os crustaceos, aos bandos,



RUINAS

fugiam espavoridos, escondendo-se nas suas tocas cobertas de limos de uma tonalidade de esmeralda fosca, enquanto a maré ia subindo pouco a pouco, imprimindo na areia o contorno indefinido da vaga, esparguendo-se pelas enseadas dos rochedos, pondo pequeninas lagrimas de espuma nas extremidades entumecidas das algas. Ao longe, os barcos vogavam na tranquillidade do mar, abrindo as suas velas assombreadas e largas, que se recortavam na limpidez formosissima do Azul, como azas de grandes aves aquaticas. Ella, então, descia até á areia humida, bordada de conchas, tacteando com os pés descalços, rosados como os de uma creança, a frescura da agua que subia, e quando, afinal, a vaga se dobrava sobre si mesma, arrancando do intimo do mar um rugido cavo e profundo como o rugido de um tigre, desdobrando a sua crista esbranquiçada e fluctuante que o vento espalhava pelo ar n'uma poeira finissima d'agua, abandonava-se-lhe no dorso encapellado e forte, e a vaga transformava-se n'um pequenino berço de espuma, ao contacto dos seus braços nus, deliciosamente bem feitos.

Então, arrebatada pela ressaca, attrahida para o largo, e envolvida na agua limpida como crystal diluido, afastava-se de terra cada vez mais, internando-se pela immensidade do oceano, nadando suavemente, languidamente, em ondulações graciosissimas de sereia.

Depois, passada meia hora, quando a frescura da agua era substituida pela prostração indiscriptivel do banho, ella dirigia-se para terra, nadando com a mesma graça, e, quando chegava á praia, como era encantador ver surgir do seio das ondas aquella mulher deliciosa, com os cabellos torcidos e presos sobre a nuca, e o corpo revelado por um fato escorrendo agua!

As outras,—as invejosas,—commentavam-n'a, censuravam-n'a, diziam que era um arrojado imperdoavel uma rapariga tão nova afastar-se assim da terra, porque era arriscar a vida, porque lhe podiam faltar as forças, e, depois, seria talvez bem difficil chegar ao largo ainda a tempo de a salvar. Mas, a despeito de todos os commentarios e de todas as censuras, aquella creança, que eu tanto amava, repetia esta scena todos os dias em que o mar sosegado se movia quasi que imperceptivelmente aos afagos mornos da brisa.

Era um dia formosissimo de agosto:—recordo-me como se fôra hoje!—O sol inundava a Natureza, batendo de chapa, nas barracas de lona branca espalhadas caprichosamente pela praia. O ar, quente, tornava indistinctos os contornos das montanhas mais proximas, envolvendo-as na bruma indecisa do calor. O mar, de uma immobilidade pasmosa, retratava nas suas aguas azuladas e tranquillias os mastros dos navios e as velas dos botes, bamboleando-se sem vento, ao som cadenciado dos remos e do cantarolar monotono dos barqueiros.

Ella saiu, então, da sua barraca, e foi, segundo o costume, sentar-se na ponta de uma rocha pouco elevada, olhando para o mar; depois, passados uns dez minutos, ergueu-se, arregaçou as mangas do seu bello fato de banho, e, elevando os braços unidos acima da cabeça, mergulhou.

Muito ao largo, as gaivotas e os alcatrazes, adejando em torno de uma fôrma negra, quasi immovel, soltavam longos pios, aproximando-se em enormes circulos concentricos, que umas vezes se apertavam com rapidez, outras vezes se alargavam pelo infinito. Era um ramo d'algas marinhas que o mar desprendera dos rochedos, e que fluctuava, á mercê da corrente, provocando esse enorme bater d'azas, enquanto, pela superficie do mar, aquelle corpo esculptural e divino boiava, serenamente, como uma folha de rosa na tranquillidade de um tanque.

Da praia, seguiamol-a com a vista: ella continuava, como sempre, afastando-se da terra; de repente, não sei porquê,—talvez por curiosidade,—dirigiu-se para o sitio onde as gaivotas, desconfiadas, convergiam os seus vôos irrequietos e estonteadores.

Que te direi, meu amigo?—D'ahi a pouco as algas cobriam-n'a toda: ligavam-lhe os braços, enleavam-se-lhe ás pernas, enredavam-se-lhe aos cabellos, enroscavam-se-lhe á cintura, e, apertando nos seus nós corredios e indissoluveis aquelle corpo de fada, arrastavam-n'a immovel, mas completamente viva, para as immensas profundidades do abysmo! Ah! meu caro amigo, tu não podes fazer idéa da dôr enorme que eu senti n'aquella occasião: As algas roubavam-me o meu primeiro amor!

Decorreram alguns dias.

Certa manhã, indo eu passear pela praia, encontrei, sobre os rochedos, o corpo da minha noiva: Fria e inanimada, as vagas restituíam-n'a á terra, collocando-a sobre os recifes como sobre um divan, enquanto os cabellos compridissimos e soltos, espalhados pelos rochedos e emmaranhados com as algas, lhe envolviam o corpo todo no véu castissimo da morte.

E aqui tens tu, meu bom amigo, como, na minha alma sequiosa de affectos, nasceu e morreu a estrella fulgurante do meu primeiro amor.

matizando os vidros da janella com pequeninas gotas de orvalho. Pelas encostas, cobertas de relva, os camponezes, de enxada ao hombro, desciam, alegremente, para o trabalho. Ao longe, via-se o mar na sua immobilidade de espelho, reflectindo sobre as aguas o azul purissimo do céu. A essa hora de um indizivel encanto, era bem provavel que as algas, ao sentirem rastejar por sobre ellas as formas humidas e asquerosas dos caranguejos e das santolas, chorassem, espalhadas pelas anfractuosidades das rochas, o eterno remorso do seu negro delicto...

Lisboa, 1886.

EÇA DE ALMEIDA.

OS EXCENTRICOS DO MEU TEMPO

A D. Claudia

Foi por muito tempo a alegria da rapaziada, e o desespero das mães de familia. Haverá trinta annos, Lisboa era a mais taciturna das capitães da Europa. Orçava em semsaboria pelas terras de provincia, as mais desfavorecidas de divertimentos. A não ser o theatro de S. Carlos, em chegando a noite, cada um escabeceava para seu lado, salvo se a patriarchal manilha vinha em auxilio da familia, nos tempos aureos em que uma nota de moeda se trocava por menos de metade do seu valor, e os officias do exercito vestiam o casaco militar, com colete e calça de côr, e passeavam pelas ruas da cidade de chapéu alto na cabeça! Se eu o não puzesse aqui em letra redonda, talvez a posteridade não acreditasse que este era o figurino dos heroes do Mindello em tempo de paz, depois da invenção de uma coisa, chamada a terceira secção, em que se morria de fome.

N'este meio, sorna e pobretão, a casa da D. Claudia era um achado para quem não queria metter-se na cama logo ao anoitecer, e sonhar que o globo desandava no seu eixo, tão impressionado se deitára com a pasmeira do dia.

A D. Claudia era uma creatura que passava dos quarenta annos, casada com o sr. Brito, uma especie de marido de Madame Roland, só exteriormente, se entende, por que enquanto ao mais era um pacovio, que se dava ares de ter vontade propria, e era apenas um pau mandado da senhora sua mulher.

Os dois conjuges moravam n'um segundo andar ao Rocio, e davam umas partidas tumultuosas, alegres, que os donos da casa pretendiam que fossem serias, mas que vieram a terminar com os seus laivos de orgia.

Era á casa da D. Claudia que Domingos Ardisson levava sem convite a officialidade das esquadras inglezas surtas no Tejo, e que se tocavam ao piano todos os fados em voga, e todas as cantigas folgazãs dos bordeis, desde

A mulher do sachristão
E' uma santa mulher

.....

até ás coplas libertinas do:

Estando o moleiro
Sentado ao borrarho,

.....

que muitas das visitas da D. Claudia repetiam em côro, com grave escândalo das mães d'algumas meninas, que sorriam á socapa das iras do Brito, e dos tregeitos da D. Claudia, que, sentada á mesa onde se jogava o monte, exigia do banqueiro o pagamento de uma parada que não fizera.

O processo da apresentação em casa da D. Claudia era dos mais simples. Um magote de rapazes, o numero não importava, ajustava-se para ir á noite a casa do sr. Brito. Um d'elles subia a escada e apresentava-se a si mesmo, dando-se por conhecido d'algum outro frequentador, com bons credits na familia. Minutos depois descia, e voltava trazendo mais dois outros amigos, e assim se enchiam as salas da D. Claudia, a aprasimento do marido, que passeava imponente pelas salas, aprumado e solemne, não dando, ou fingindo não dar pela pouca seriedade com que os seus suppostos convidados dançavam, ou pelos dialogos desevoltos que se crusavam aos ouvidos da esposa.

Se eu dêsse aqui a lista dos deputados, dos ministros, dos homens de letras, ainda vivos, que frequentaram a casa de D. Claudia, haviam-me dizer que era mentira, como se entre os vinte e os sessenta annos não medeasse um abysmo; como se a carta de conselho não fosse uma especie de certidão d'obito das alegrias da mocidade.

Ignorei sempre o interesse que tinha a D. Claudia em dar partidas, e o Brito em ser responsavel pelas demasias dos que se aventuravam a metter dois passos de cancan na pautada gravidade de uma contradança ingleza.

Amanhecia: Uma claridade rosea esbatia-se pelo horizonte.

A companhia gymnastica e equestre do Avrillon veio fazer uma concorrência terrível ás partidas da D. Claudia. A plastica da Poletti, e as habilidades do cavallo Phenix, adestrado a trabalhar em liberdade, foram o prenuncio da decadencia das *soirées* em que tantos romances se enredaram, sem que nenhum d'elles tivesse o seu desenlace natural... na igreja.

Quando o Brito se viu sem partida, ficou como o peixe fóra d'agua. De magro passou a esqueleto, de cortesão que era tornou-se macambusio e sombrio. A' D. Claudia nunca ninguem mais lhe pôz os olhos em cima. Costumada ás folias que a enrijavam, a pacatez da vida domestica havia por força dar cabo d'ella.

O que faziam em casa aquellas duas alminhas nas longas noites do inverno, sem ouvirem chocalhar no piano trechos do *Roberto do Diabo*, parodiado como então andava na bocca dos gaia-tos?

O Brito ainda de vez emquando apparecia á janella a tomar o fresco. A D. Claudia, essa teve a dignidade do infortunio... deixando-se rebentar entre quatro paredes, sem dar o seu braço a torcer, como uma mulher forte que era.

N'este paiz, em que são raros os pedidos de privilegio de invenção, a D. Claudia, por deficiencia de conselhos idoneos, deixou de figurar na magra lista dos que inventam alguma coisa util. Tocar, jogar, walsar, amar, tudo debaixo de télha, e sob a direcção de uma firma de responsabilidade limitada, não me parece invento indigno de incomodar a burocracia, até obter o invejado diploma que eleva o requerente ás alturas de um cidadão excepcional entre os demais cidadãos.

A D. Claudia, que ignorava as leis porque se regem as sociedades anonymas, nunca pediu nada para si nem para o marido, e por isso, a não ser eu, a posteridade ignoraria a sua existencia.

Luiz Forjaz

Um nervoso. D'ahi a popularidade de que foi alvo nos seus tempos de rapaz. Era natural de S. Miguel, e aparentado com muitas das principaes familias da ilha. Estivera ao serviço da Junta do Porto, e quando o protocollo de Gramido pôz termo á lucta civil, veio para a capital e vivia da mesada que lhe dava o irmão mais velho—o morgado.

De grande coração e minguada intelligencia, prompto em se irritar, mas benevolo e bom, passados os primeiros impulsos de genio, a sua corda sensual eram as toiradas, só, exclusivamente as toiradas.

De uma força physica que augmentava com as contrariedades, era na praça do campo de Sant'Anna, e no grupo dos homens de forcado, que Luiz Forjaz ceifava os loiros que á noite depunha aos pés das cantoras suas predilectas.

Era um espectáculo commovente vel-o diante de um toiro Pallido e firme, esquecido da morte, esperava o toiro com a differença heroica dos gladiadores romanos, provocando os adversarios para a lucta; e se a féra, com a impassibilidade do despreso, não corria sobre elle, incendiavam-se-lhe os olhos, batia as palmas, mordida-se, arremessava-lhe o gôrro, cobria-a de improperios, e só descansava quando lhe cahia entre as armas, arquejante mas sereno, esfarrapado mas triumphador.

Nas lides tauromachicas ha, como na medicina, especialistas. Se uns são peritos nas pégas de cernélha, outros, os de mais pulso, avantajam-se em rabejar o toiro; finalmente, os que teem as ciladas por indignas de um verdadeiro forcado, é frente a frente, de cara, que provocam o animal, o vencem, o subjagam.

Em se tratando de apanhar um toiro á unha, Luiz Forjaz, partidario da arte livre, não tinha escolha, nem reconhecia tradições. Se o toiro era claro, leal, Luiz Forjaz correspondia-lhe com desassombro, indo-lhe ao encontro e pegando-lhe de cara. Se, pelo contrario, o toiro era desconfiado e matreiro, se fugia das provocações directas, se repontava, insidioso e covarde, esquivando-se ao duello, era de cernélha que Luiz Forjaz se apossava d'elle, e mau era chegar a deitar-lhe a unha, que não mais o largava, sem que as chocas viessem libertal-o, chamadas a terreno pelo som estridente do clarim, portá-voz das ordens do *intelligente* da corrida.

Um masso de charutos atirado á arena por mão feminina, ou um punhado de rebuçados d'ovos, eram para o intrepido lidador galardão mais do que bastante das suas temeridades tauromachicas.

Luiz Forjaz era, além de toireiro, um amator apaixonado de musica. Se lhe desconhecia os segredos como critico, remontava-se pelo coração ás mais elevadas concepções da arte musical. Sentado na extrema de um dos bancos das ultimas fileiras da plateia geral de S. Carlos, era com umas palmas que só elle e o D. Alvaro sabiam dar, que acordavam os demais espectadores para as grandes ovações que animavam a sympathica Sannazaro, ou estimulavam os brios do espaventoso Benaventano.

Quando chegaram as guerras do Alecrime da Mangerona, entre partidarios da Fleury e da Lisereux, o palmeador e merito, que só por si atreava o theatro com os seus applausos, filiou-se no partido da Lisereux, schrepujando toda a *claque* que obedecia ás indicações do Saint-Lecq, o insigne e creographo compositor do *Sa-*

tarillo e das *Flores animadas*, o admirador, se não escravo, das formas opulentas da Fleury.

Extremamente desconfiado, Luiz Forjaz, quer pateando, quer applaudindo os artistas, não perdia de vista os seus visinhos das cadeiras proximas, e ao mais leve sorriso de qualquer d'elles levantava-se para pedir explicações, que lhe eram dadas com a expontaneidade da innocencia, acalmando-lhe momentaneamente os nervos irritados.

L. A. PALMEIRIM.

AS NOSSAS GRAVURAS

VISTA DO CONVENTO DE TROITZKOI, NA RUSSIA

O convento de Troitzkoi ou da *Trindade*, situado a 56 kilometros de Moscow, foi fundado em 1330, por S. Sergio. E' um dos conventos mais ricos da Russia, onde elles se contam ás centenas, e concorrem alli, todos os annos, numerosos bandos de peregrinos.

Troitzkoi é cercado d'altas e solidas muralhas, de 4 kilometros de circuito.

Na igreja do convento admiram-se riquissimos thesouros.

PONTE DE FERRO DE «D. LUIZ I.» ENTRE O PORTO E VILLA NOVA DE GAYA

A nossa gravura representa esta magnifica ponte metallica, inaugurada solememente em 31 d'outubro proximo passado, e construida pela empresa *Société Anonyme de Construction et des Ateliers*, de Willebroeck, sob a direcção de engenheiro Maury.

A ponte tem dois taboleiros metallicos, sobrepostos, sustidos por um arco de 172,50 metros d'abertura. A sua maior altura, sobre os pontos d'apoio, é de 52,50 metros.

O taboleiro superior mede 302 metros de comprimento, e a sua parte central descança directamente sobre o grande arco e sobre duas columnas de ferro anexas ao mesmo. O pavimento central d'este taboleiro mede uma largura de 5,50 metros, e cada um dos passeios lateraes tem 1,25 de largo.

O taboleiro inferior está sujeito ao arco por quatro suspensões de ferro, e mede uma extensão de 174 metros, por 8 de largura, dos quaes correspondem 6 ao pavimento do centro e um a cada passeio lateral.

O peso total da parte metallica ascende a 3:300 toneladas.

RUINAS

Representa a nossa gravura um palacio arruinado da Allemanha, onde são ainda numerosos os monumentos de architectura militar da idade media, que nos recordam a epocha do feudalismo, mais brutal e feroz n'aquelle paiz do que em muitos outros da Europa, entre os quaes foi, sem duvida, Portugal o reino em que o seu nefasto poder não teve nunca uma sombra sequer d'aquelle que chegou a attingir na Allemanha, França, etc.

Ha ruinas respeitaveis pelas suas gloriosas tradições, como as ha execrandas pelas memorias de factos ignominiosos que a ellas andam ligados. Umas e outras, porém, são reliquias do passado sob o ponto de vista da historia da arte.

O CONVENTO DE SANTO ANTONIO, EM KIEV

Kiev e Novogorod são as cidades mais antigas da Russia, as mais poeticas e adoradas do imperio. A primeira é a columna da fé, e a segunda o esteio do poder imperial.

Kiev não faz parte da Russia propriamente dita, e mais de um historiador a considera como cidade polaca. A sua população é rutheniana. A raça é polaca, os costumes são polacos. E todavia, é ali que se encontra o berço d'essa Igreja que fez á sua imagem toda a vida politica, social e domestica da Russia.

Kiev é a cidade das legendas, dos factos memoraveis: ella vio Santo André, prégando o zelo religioso de Santa Olga, a convenção de S. Vladimiro, o assalto dos Mongols, a conquista polaca, a victoria definitiva de Pedro, o Grande.

Junto de duas altas collinas, a uma legua de Kiev, onde Vladimiro construiu o seu harem e ergueu a estatua do Deus pagão, alguns piedosos eremitas, Antonio e Theodosio, escavaram na rocha galerias e cellas subterraneas, onde viveram e morreram como santos.

Por cima d'squellas cellas construíram-se dois conventos sob a invocação de Antonio e de Theodosio, que mais tarde se torna-



CONVENTO DE SANTO ANTONIO, EM KIEV

ram os santos protectores de Kiev e fôram tidos como os patronos de todos os russos que se dedicam à vida monastica.

Declives suaves, atapetados de relva e assombreados por arvôres, communicam o convento de Santo Antonio, d'um lado com a cidade e do outro com o mosteiro de S. Theodosio. Estes dois edificios, d'um estylo puro e grandioso, d'uma construcção notavel pela sua solidez, são tidos como os mais bellos da Europa oriental. As cupulas e os zimbórios que coroam os dois edificios, são de finissimo gosto; todas as paredes estão ornamentadas com quadros representando factos da vida dos santos.

No convento de Santo Antonio, representado pela nossa gravura, mostra-se aos visitantes a cabeça de S. Vladimiro, ou antes um pedaço de velludo que dizem envolvel-a.

Cincoenta mil peregrinos, ruthenianos na maior parte, vão, durante o verão, visitar aquellas e outras reliquias.

A TORRE EIFFEL

Vae brevemente realisar-se um acontecimento novo na historia das construcções de ferro. Este metal, ordinario e forte, que, até aqui, formara pontes, mercados, estações ou palacios de exposição, vae ser o unico componente d'um monumento commemorativo, em que ha de imprimir-se o cunho da epoca actual. O ferro, posto até hoje ao serviço do interesse, aspira agora a ser materia em que a arte dê uma nova forma aos seus ideaes, retratando o espirito do nosso seculo.

A França commemora em 1889 o centenariô da convulsão terrivel que repercutio no mundo inteiro e da qual nasceu a sociedade moderna com os seus erros e as suas virtudes. O monumento consagrado a essa commemoração será uma pyramide quadrada, de ferro, de 300 metros d'altura, com arestas curvas que partem d'uma base de 130 metros de lado.

Apresentou o projecto d'este grandioso monumento o engenheiro Eiffel.

A torre Eiffel terá tres andares. O primeiro, a 60 metros do solo, e com uma área de 4 200 metros quadrados, destina-se a *restaurant*, café e salões de recreio, sendo circumdado por uma galeria em arcadas.

O espaço comprehendido entre este andar e os basamentos de pedra, será decorado por dois arcos gigantes de ferro, de 50 metros d'altura, que formam as fachadas anterior e posterior. A 150 metros do solo estabelece-se o segundo andar, com uma área de 900 metros quadrados, cerrado, como o primeiro, por uma arcada de crystaes. A partir d'aqui, haverá dois ascensores verticaes, que conduzirão a uma plataforma situada sob a cupula de coroamento e rodeada de uma sacada de 60 metros de perimetro, d'onde poderá gosar-se o magnifico panorama de Paris e seus contornos, até 120 kilometros.

A gravura que acompanha esta descripção basta para completal-a, sem necessidade de mais promenores.

A torre Eiffel, genuina expressão architectonica do espirito do nosso seculo, fara parte das edificações em projecto para a Exposição universal de 1889 em Paris.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

CHARADAS NOVISSIMAS

Contra este homem são quadrupedes—2—2.
 Já não vejo no campo este homem—1—2.
 Este appellido é fragil por ser peixe—1—2.
 No alphabeto agora é peixe—1—1.
 Este instrumento aqui é animal—1—1.
 E' immenso da Iodia este exercicio—1—1.
 Sou isolado do Egypto, porque prendo—1—2.

Leiria. JOSÉ DE SCUSA BENTO JUNIOR.

CHARADAS EM VERSO

(Retribuição, ao distincto charadista J. Luiz Perpetua)

Cumprindo o nosso dever,
 Agradecemos a offerta.

E' cousa certa
 Que vossencia ha de ver
 A pobre retribuição

Modesta, humilde, mesquinha
 E n' da boa—1
 Mas... perdão!...
 Desculpará.

Parte da população—2
 Nos afirma que a vossencia
 Devemos cumprimentar;
 Comtudo, nós não podemos
 Executar
 O que diz a derradeira—1
 Mas... paciencial...
 Perdoara.

Agradecendo a offerta,
 Cumprimos nosso dever.
 Ora ahi está!

Porto

M. M. & M.

(Aos habeis charadistas J. Martins e A. Teixeira)

Esplendido paiz em que vivemos,
 Onde se evola o odor do rosmarinho,
 E em que, na primavera, ás v-zes vemos
 Pastar no monte, o manso cordeirinho—3

Olhando para a America distante,
 Vemos n'ella o paiz dos cannibae;
 Correndo a India, encontra o viajante
 Leões, hyéas, tigres e chacaes.—2

Na Africa, o continente dos ardores,
 Onde os Desertos leguas são inteiras,
 Teu o homem, p'ra allivio a taes calores,
 A sombra verdejante das palmeiras.

Leiria

M. MONTEIRO JUNIOR

Enigma



R. DE S.

Carta enigmatica

Meu caro 3, 12, 4, 1, 6, 10.

Emquanto ias, no—13, 23, 22, 27, 24, 1, 12, ver a 15, 17, 13, 19, 16, 20, de 21, 9, 4, 13, 23, 29, fui eu ver o 22, 18, 1, 29, 30, 7, 10, 19, 16, 12, 1, 23, 15, 15—do que não me arrependi.

O 10, 11, 6, 24, 20, 16, 18, 12, é riquissimo; bellas 8, 18, 21, 19, 20, 10, devidas a 22, 20, 24, 27, 24, 5, e fatos de um luxo verdadeiramente 2, 10, 5, 20, 19, 18, 25, 12.

Emquanto ao desempenho, temos a 22, 2, 4, 5, 20—13, 12—25, 17, 29, que não agrada totalmente; a 1, 29, 27, 7, 26, 30, 4, 22, 27, 24, 9, que vae bem, e a formosa 7, 9, 25, 27, 24, 13, 9—13, 23—25, 20, 4, 22, 23, com o seu 19, 20, 7, 30, 24, 19, 12, sempre superior à sua 6, 21, 19, 9, 19, 29, 16, 20!

Os 2, 25, 19, 12, 16, 6, 21, mais ou menos, vão bem.

O 21, 6, 4, 1, 5, 12, exaggera um pouco, o 22, 30, 7, 7, 12, vae bem, 16, 23, 28, 29, 6, o inglez, a quem o 22, 30, 7, 7, 12, tira a sua 3, 29, 4, 4, 5, 24, 26, 20, tambem agrada.

O 2, 7, 22, 30, 27, 13, 9, não me enche as medidas, principalmente no 22, 23, 24, 12, 7, 12, 1, 23, do 1.º 28, 29, 9, 13, 4, 12 do 4.º 9, 11, 19, 23.

O 11, 9, 4, 7, 12, 10—16, 23, 11, 26, 20 faz progressos de epocha para epocha.

O 7, 5, 22, 2, no papel de te'graphista, dá nos muito a idéa de uma 4, 9, 24, 9—4, 2, 11, 26, 20, 13, 9!

Quem foi muito feliz foi o 22, 23, 29, 4, 2—25, 2, 3, 4, 20, 7 com a 19, 16, 20, 13, 29, 11, 11, 9, 12.

Receberam 5, 24, 24, 29, 22, 30, 16, 12, 10 applausos, fazendo se-lhes a justiça devida: 10, 9, 7, 8, 9, 13, 12, 4—22, 2, 4, 28, 29, 30, 10, 22, 20, 24, 5, 24, 27, e 7, 6, 2, 24, 13, 4, 12—3, 4, 20, 1, 9.

Se esta 10, 6, 22, 20, 24, 9, fores para os lados do 25, 26, 27, 20, 13, 12, marca em 10, 9, 12—11, 9, 4, 7, 23, 21 duas 1, 6, 4, 20, 17, 21, para 13, 12, 22, 5, 24, 1, 12, porque estou 2, 24, 11, 27, 23, 21, 12, por ouvir a famosa 19, 26, 30, 23, 13, 12, 4, 5, 24, 27.

Estou á espera da 10, 12, 4, 19, 17—1, 4, 2, 24, 13, 14, e então pagar-te-hei.

Dispõe do teu amigo,

1, 2, 3, 4, 5, 6, 7—8, 9, 10, 11, 12—13, 14—15 16, 17, 18, 19, 20, 21—22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30.

MATHEUS JUNIOR.

Decifrações

Das CHARADAS NOVISSIMAS:—Sagaz—Sofá—Amelia—Mortalha.

DA CHARADA GEOGRAPHICA:—Kling-nmuaster.

DO ENIGMA:—Entretito.

DA CHARADA EM VERSO DO N.º 49:—Doutrina.

DECIFRAÇÃO DOS PROBLEMAS DOS N.ºs 17, 18, 19:—Sendo N um multiplo dos numeros 101, 121 e 81 tem-se:

$$N=(100+1)q=(10+1)^2q'=(10-1)^2q''$$

d'onde se tira:

$$q=N-1009, q'=N-1009-109-109, q''=N+109+109-1009$$

No primeiro caso o subtractivo termina em dois zeros; pode-se portanto começar a subtracção, obtendo-se assim os dois primeiros algarismos do quociente, os quaes, collocados á esquerda dos zeros, fornecem os dois immediatos, e assim successivamente. No segundo caso ha tres subtractivos, o primeiro terminado em dois zeros, e cada um dos outros em um; começando as operações, obtem-se o primeiro algarismo do quociente; pondo este algarismo á esquerda dos zeros, tem-se o segundo, e do mesmo modo se acham os restantes. No terceiro caso fazem-se duas sommas e uma subtracção. As duas parcelas terminam n'um zero, e o subtractivo em dois, e é possível, portanto, começar estas operações, as quaes fazem conhecer o primeiro algarismo do quociente. Os restantes acham-se nos casos anteriores.

Fazendo o calculo com o numero 989901, acha-se:

989901	989901	989901
980100	818100	122210
-----	-----	-----
9801	171801	1112111
	81810	122210
	-----	-----
	89991	1234321
	81810	1222100
	-----	-----
	8181	12221

A RIR

O cumulo da galanteria:

Uma senhora da sociedade elegante dizia para Calino:

—Imagine, meu caro, que se offereceram para tirar o retrato de graça a Luiza. Nunca houve pintor nenhum que me fizesse um offerecimento tão amavel.

—E' que geralmente—respondeu Calino—não se offerece isso senão as mulheres bonitas!

UM CONSELHO POR SEMANA

O chlorato de potassa é o verdadeiro especifico das doenças da bocca e da garganta. Emprega-se internamente contra os accidentes da dentiçao, e alguns aconselham-n'o contra o mal dos dentes que resulta da carie dentaria com inflammação do bolbo. E' evidente que o chlorato de potassa tem uma acção sobre os agentes nocivos contidos na saliva, e que as pastilhas de chlorato de potassa são muito uteis contra as gingivites ulcerosas.

A CONFISSÃO

Margarida de Therelles ia morrer. Apesar de não ter mais do que cincoenta e seis annos, parecia pelo menos ter setenta e cinco. Mais branca do que a roupa da sua cama, com uns estremecimentos horriveis, o aspecto transtornado, a vista retesada, como se tivera uma apparição medonha, ella suspirava.

Suzanna, sua irmã, mais velha do que ella seis annos, soluçava junto do leito. Sobre uma pequena mesa, chegada para ao pé da cabeceira da agonizante e coberta com um guardanapo, ardião duas velas. Esperava-se que chegasse o padre para ministrar os sacramentos.

O quarto tinha o aspecto sinistro que é particular aos quartos dos moribundos, um ar de adeus desesperado. Atiradas por um pontapé, ao passar-se depressa, ou por uma vassourada, as

roupas arrastavam-se para os cantos. As rodomas escorregavam sobre as commodas. As proprias cadeiras, em desordem, pareciam estonteadas, como se tivessem andado a correr em todas as direcções. A terrivel morte estava alli, escondida, á espera.

Era enternecedora a historia das duas irmãs, conhecida até grande distancia. Tinha feito derramar muitas lagrimas a muitos olhos.

Suzanna, a mais velha, tinha sido, outr'ora, loucamente amada por um homem que ella tambem amava. Estavam noivos e não se esperava senão pelo dia marcado para o casamento, quando Henrique de Sampierre morreu bruscamente.

O desespero da noiva foi horroroso e ella jurou nunca se casar. Cumpriu a sua palavra. Vestiu-se com trajos de viuva, que não tornou a largar.

Então sua irmã, a sua pequena irmã Margarida, que tinha apenas doze annos, lançou-se-lhe, uma manhã, nos braços e disse-lhe:

«Minha irmã, não quero que sejas infeliz. Não quero que passes toda a vida a chorar. Nunca te deixarei, nunca, nunca. Tambem eu não hei de casar. Ficarei ao pé de ti, sempre, sempre!»

Suzanna abraçou-a enternecida por esta dedicação de creança mas não acreditou.

Mas a pequenita tambem cumpriu a sua palavra, e, apesar dos rogos dos parentes, apesar das supplicas da irmã mais velha, nunca se casou. Era bonita, muito bonita; recusou bastantes rapazes que, parecia, a amavam, e nunca abandonou sua irmã.

* * *

Passaram juntas todos os dias da sua vida, sem se separarem uma unica vez. Andaram ao lado uma da outra, estreitamente unidas. Margarida parecia, porém, sempre triste, acabrunhada, de aspecto mais sombrio do que a irmã, como se o seu sublime sacrificio a tivesse talvez aniquilado. Envelheceu mais depressa, os seus cabellos começaram a embranquecer desde os trinta annos, e, quasi sempre soffrendo, parecia victima de um mal occulto que a consummia.

Agora era a primeira a morrer.

Havia vinte e quatro horas que já não fallava. Sómente, quando rompiam os primeiros raios da aurora, dissera:

—Vão buscar o cura; chegou o momento.

E ficara-se deitada de costas, sacudida por espasmos, os labios agitados como se lhe subissem do coração palavras terriveis sem poderem sahir, o olhar retesado de espanto, que causava horror.

Sua irmã, despedaçada pela dôr, chorava perdidamente, com a cabeça na borda da cama e repetia:

—Margarida, minha pobre Margarida!

Ouviram-se passos na escada e abriu-se a porta. Apareceu o sacristão e em seguida o velho padre, de sobrepeliz. Logo que a moribunda se apercebeu da sua chegada, sentou-se na cama, como impellida por uma mola, abriu os labios, balbuciou duas ou tres palavras e pôz-se a esgravatar no lençol com as unhas, como se quizesse fazer um buraco.

O cura approximou-se, pegou-lhe na mão, beijou-a na testa, e com uma voz doce:

—Deus nos perdõe, minha filha; tende coragem, é chegado o momento. Fallae.

Então Margarida, estremecendo desde a ponta dos cabellos até ás unhas dos pés, sacudindo a cama com os seus movimentos nervosos, balbuciou:

—Senta-te minha irmã, escuta.

O padre abaixou-se para Suzanna, que se conservara ajoelhada junto do leito, levantou-a, sentou-a n'uma cadeira e agarrando com cada uma das suas mãos nas das duas irmãs, exclamou:

—Senhor! meu Deus! dai-lhes forças, lançai sobre ellas a vossa misericordia!

Margarida começou a fallar. As palavras sahiam-lhe da bocca uma a uma, roucas, com as syllabas separadas, como se viessem cançadas.

* * *

—Perdão, perdão; minha irmã, perdoa-me! Oh! se tu soubesses como tenho tido medo d'este momento, toda a minha vida!...

Suzanna balbuciou entre lagrimas:

—Perdoar-te de quê, minha querida? Tudo me deste, tudo me sacrificaste; és um anjo!...

Margarida, porém, interrompeu-a:

—Cala-te, cala-te! Deixa-me dizer, não me interrompas... E' horrivel... deixa-me dizer tudo... até ao fim, sem parar... Escuta... Lembras-te... lembraste... Henrique...

Suzanna estremeceu e olhou para sua irmã. Margarida continuou:

—E' necessario que ouças tudo para comprehenderes. Eu tinha doze annos, só doze annos, lembraste bem, não é assim?

Faziam-me todas as vontades, tudo quanto eu queria... Lembra-te bem do mimo que me deram?... Escuta... A primeira vez que elle veio a nossa casa, trazia botas de polimento, apeiou-se do cavallo á nossa porta; vinha trazer uma noticia ao papá. Lembra-te não é assim?... Não digas nada... escuta. Quando o vi, toda eu estremei, achei-o encantador e fiquei de pé a um can-

«Depois ouvi dizer que ia casar contigo. Que triste fiquei... oh! minha irmã... que triste... que triste! Passei tres noites sem dormir, a chorar. Elle voltava todos os dias depois de almoço... á tarde... não é assim? Não digas nada... escuta. Tu fazias uns pasteis de que elle gostava muito... com farinha, manteiga e leite... Bem sei como era... Ainda os fazia se fôsse preciso. Comia-os de uma só dentada, bebia em cima um copo de vinho... e no fim dizia: «E' delicioso». Lembra-te de como elle dizia isto?

«Sentia-me presa de ciúmes!... Estava a chegar o dia de teu casamento. Faltavam apenas quinze. Tornei-me louca. Dizia a mim mesmo: Não casará com Suzanna, não, porque eu não quero!... E' commigo que ha de casar quando eu for mais crescida. Nunca encontrarei pessoa alguma que ame tanto... Mas uma tarde, dez dias antes do que estava marcado para o teu casamento, tu tinhas ido passear com elle em frente do castello, ao luar... e lá em baixo... sob o pinheiro... elle abraçou-te... abraçou-te... com os seus dois braços... durante tanto tempo... Lembra-te, não é assim? Era provavelmente a primeira vez... sim... Estavas tão pallida quando voltaste para a sala!

«Eu tinha-vos visto, estava lá em baixo no massiço. Que raiva que me deu! Se eu tivesse podido tinha-os morto a ambos!

«Disse commigo: «Não ha de casar com Suzanna, nunca! Não casará com pessoa alguma. Eu seriamuito infeliz... E de repente comecei a odial-o terrivelmente!

«Então sabes o que fiz?... escuta. Tinha visto o jardineiro arranjar bolos para matar os cães vadios. Quebrava uma garrafa, esmigalhava os cacos com uma pedra, e mettia o vidro moído n'uma bola de carne.

«Fui buscar uma garrafinha que viera da botica, esmigalhei-a com um martello, e escondi o vidro moído na algibeira. Era um pó brilhante... No dia seguinte, quando acabaste de fazer os pasteis, abri-os com uma faca e deitei o vidro dentro... Elle comeu tres... eu tambem comi um... Deitei os outros seis no tanque... os dois cysnes appareceram mortos tres dias depois... Lembra-te? Oh! não digas nada... escuta, escuta... Fui a unica que escapei... mas tenho sido sempre doente... escuta... Elle morreu, tu bem o sabes... isso não é nada... Depois, mais tarde... sempre... o mais terrivel... escuta...

«Minha vida, toda a minha vida... que tortura! Prometti a mim mesmo: Nunca deixarei minha irmã. E dir-lhe-hei tudo quando estiver a morrer... Aqui tens. E depois comecei a pensar sempre n'esse momento em que te havia de contar tudo... Eil-o que chegou... E' terrivel... Oh! minha irmã!

«Sempre a pensar, de manhã e de tarde, de dia e de noite: Ha de ser necessario que eu lhe conte isto uma vez... Eu esperava... Que supplicio!... Finalmente!... Não digas nada... Agora, tenho medo... tenho medo... oh! tenho medo! Se eu o fosse tornar a ver, d'aqui a nada, quando estiver morta... Tornar a vel-o... pensas n'isso?... A primeira!... Não me atreverei... E' forçoso... Vou morrer... Quero que me perdões. Quero... Não poderei partir para junto d'elle sem o teu perdão. Oh! diga-lhe que me perdõe, senhor cura, diga-lhe... supplico-lhe. Não posso morrer sem isso...

* *

Calou-se e ficou arquejante, a arrepanhar o lencol com as suas unhas crespadas...

Suzanna tapara a cara com as mãos e não se movia. Pensava n'elle que ella poderia ter amado durante tanto tempo! Que vida deliciosa teriam gozado! Ella tornava a vel-o no passado que desaparecera, no velho passado que se não podia readquirir. Oh! aquelle beijo, aquelle seu unico beijo! Tinha-o guardado na sua alma. E depois mais nada, mais nada em toda a sua existencia!...

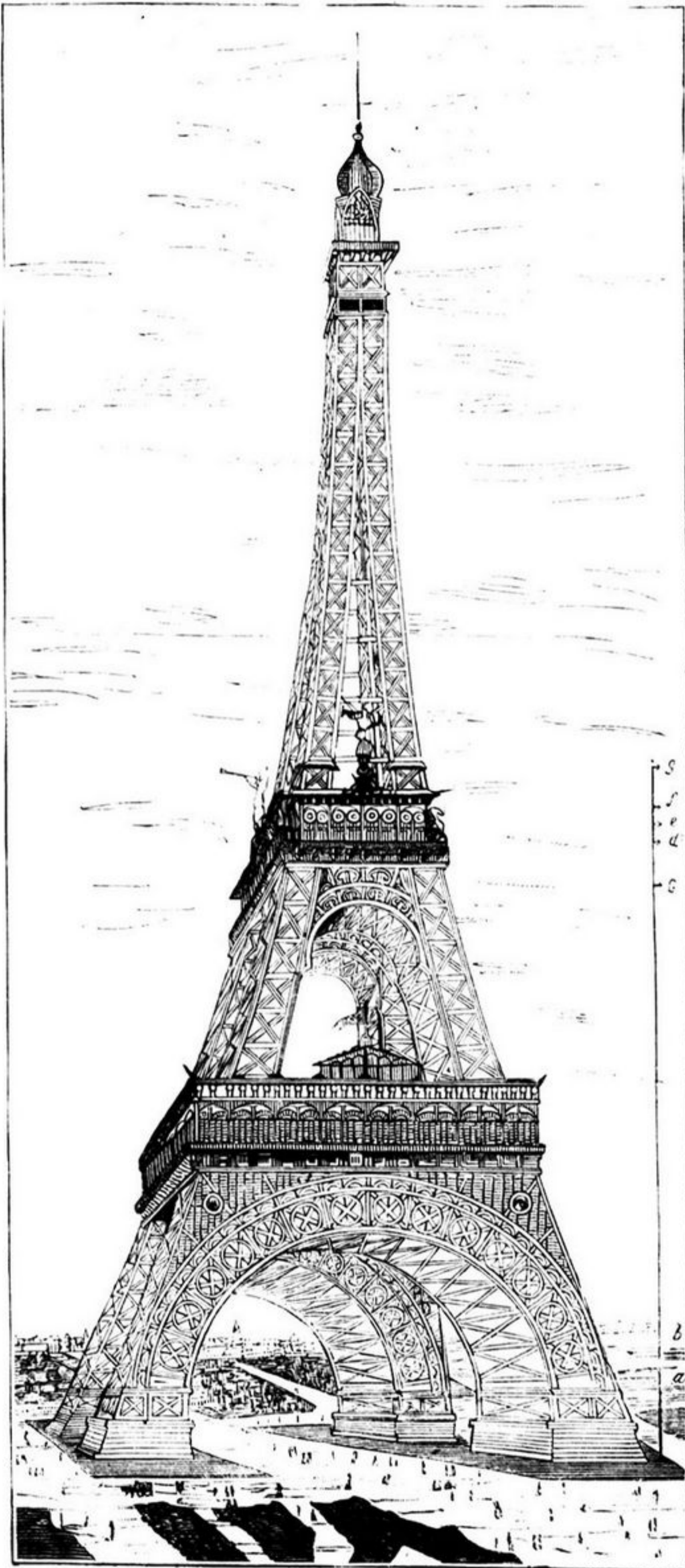
O padre dirigiu-se de repente para ella e com uma voz forte e vibrante exclamou:

—Suzanna, sua irmã vae morrer!

Então Suzanna, destapando a cara, apresentou as faces cobertas de lagrimas e lançando-se sobre a irmã, beijou-a com toda a alma, balbuciando:

—Perdão-te, perdão-te!...

GUY DE MAUPASSANT.



A TORRE DE EIFFEL

to da sala durante todo o tempo que elle fallou. As creanças tem cousas unicas... e terriveis... Oh! sim... sonhei com elle!

«Voltou... varias vezes... eu via-o com toda a luz dos meus olhos, com toda a minha alma... senti-me grande para a minha idade... e mais astuciosa do que julgavam. Elle voltou muitas vezes... Eu não pensava senão n'elle. Murmurava muito baixinho: «—Henrique... Henrique de Sampierrel

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.º, Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica